



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES**

LUANA KELLY ANDRADE DINIZ

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PERFIL DE UMA SALA DE ALFABETIZAÇÃO
DA ESCOLA MUNICIPAL DO SÍTIO COCOCI EM CATOLÉ DO ROCHA**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2017**

LUANA KELLY ANDRADE DINIZ

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PERFIL DE UMA SALA DE ALFABETIZAÇÃO
DA ESCOLA MUNICIPAL DO SÍTIO COCOCI EM CATOLÉ DO ROCHA**

Orientador (a): Prof^a Joana Áurea Cordeiro Barbosa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras-Português.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
Julho 2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

D585e Diniz, Luana Kelly Andrade

Educação de jovens e adultos: perfil de uma sala de alfabetização da escola municipal do sítio Cococi em Catolé do Rocha [manuscrito] / Luana Kelly Andrade Diniz. - 2017. 27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2017.

"Orientação: Dra. Joana Áurea Cordeiro Barbosa, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Educação de Jovens e Adultos 2. Alfabetização 3. Prática Pedagógica I. Título.

21. ed. CDD 374.012981

LUANA KELLY ANDRADE DINIZ

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PERFIL DE UMA SALA DE
ALFABETIZAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL DO SÍTIO COCOCI EM CATOLÉ DO
ROCHA**

Banca examinadora:

Joana Áurea C. Barbosa

**Profª. Joana Áurea Cordeiro Barbosa
(Orientadora – UEPB)**

Eianny Cecília de Abrantes Pontes

Eianny Cecília de Abrantes Pontes (Titular – UEPB)

José Helber T de Araújo

José Helber Tavares de Araújo (Titular – UEPB)

Aprovada em: 07 de agosto de 2017

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PERFIL DE UMA SALA DE ALFABETIZAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL DO SÍTIO COCOCI EM CATOLÉ DO ROCHA

Resumo

Este artigo é fruto de uma reflexão sobre uma sala de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos, onde verificamos os motivos que levaram os alunos a abandonar os estudos, assim como, a retomá-lo; a compreensão de alunos e professora em relação às salas de EJA; as maiores dificuldades enfrentadas pelos estudantes no processo; a prática pedagógica desenvolvida em sala de aula. O desenvolvimento deste trabalho deu-se por meio de uma pesquisa descritiva-qualitativa e de campo, tendo como universo a escola Municipal do Sítio Cococi em Catolé do Rocha. Utilizamos como instrumentos de recolha de dados a observação sistemática realizada na turma de doze alunos e entrevista semiestruturada com cinco alunos e professora. Percebemos que os motivos que levam aos alunos da EJA a retornarem à escola, esta relacionando com a necessidade de recuperar o tempo perdido nos estudos, com o desejo de aprender a ler e escrever, em curto prazo, pois almejam conquistas pessoais. As observações diárias permitiram apreender a prática pedagógica da professora e as relações estabelecidas, no cotidiano escolar dos alunos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Alfabetização, Prática Pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização de Jovens e adultos é um processo contínuo que busca inserir o indivíduo na sociedade, com objetivo de melhorar seu desenvolvimento integral. Os alunos são sujeitos que não se alfabetizaram por diferentes motivos e retornam à sala de aula, por vontade própria ou por exigência do mercado de trabalho. De acordo com Ribeiro (2001, p. 38), “a EJA é uma modalidade educativa que deve expressar de forma clara sua opção por setores vulneráveis em condições de marginalidade socioeconômica e de desigualdade de oportunidade educativa”.

Já Freire (1996, p. 24) nos fala, em particular, sobre a alfabetização de adultos:

A alfabetização de adultos enquanto ato político e do conhecimento, comprometida com o processo de aprendizagem, simultaneamente com a “leitura” e a “reescrita” da realidade, e a pós-alfabetização, enquanto continuidade aprofundada do mesmo ato de conhecimento iniciado na alfabetização, de um lado, são expressões da reconstrução nacional em marcha; de outro, práticas a impulsionadoras da reconstrução.

Para Freire (1996) a alfabetização deve valorizar a leitura de mundo, pois segundo ele é o conhecimento de mundo que precede o da palavra como visão crítica e que traz transformação. Para Freire a alfabetização tem um significado mais abrangente, na medida em que vai além do domínio do código escrito. Pois enquanto prática discursiva, “possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social”.

Galvão e Soares (2006, pp. 37-38) expõem que “a falta de educação é comparada ao câncer que tem a volúpia ao corroer célula a célula, fibra por fibra, inexoravelmente, o organismo levando à nação a subalternidade e à degenerescência”.

Segundo Soares (2006, p.24), o mundo do analfabeto é muito pequeno. O analfabeto adulto por não ter o domínio da leitura e da escrita se sente inferior às outras pessoas que tem esse domínio, por isso ele se isola no seu próprio mundo, sabe-se que eles sofrem com essa exclusão, ficando à margem da sociedade.

Na realidade, muitos são os fatores que interferem negativamente no processo da EJA. Alves (1999, p. 25) aponta para:

Uma escola descaracterizada: prédio malconservados; se modernos com problemas estruturais, como meias paredes que dificultam a comunicação entre professor e alunos; professores demissionários, de fato ou em potencial; inexistência ou precariedade de material didático; currículo quase congelado pelos mecanismos de reprodução que multiplicam os fracassos escolares; alunos e professores extenuados pelas múltiplas exclusões de que são alvos.

Segundo Villela (2006, p. 43), “a escola juntamente com as práticas de metodologia em sala de aula, tem a capacidade de estimular os alunos, em busca de facilitar a compreensão e a aprendizagem”. Pensando nas colocações destes autores, podemos dizer que a escola parece não favorecer esse estímulo à

aprendizagem do aluno e cada vez mais o aluno é excluído do processo de alfabetização devido às praticas mecanizadas.

Em consonância com este pensamento, Freire (1996) defende os processos de ensino e aprendizagem pautados metodologicamente no diálogo, pontuam o primeiro passo para sua concretização: a busca inquieta pelo conteúdo do diálogo, isto é, pelo conteúdo programático da educação. Isso nos mostra a essencialidade da metodologia que permite os processos de ensino e aprendizagem, pautar-senso contexto existencial dos educandos.

Percebemos todas estas questões durante a realização do estágio supervisionado nas salas de Educação de Jovens e Adultos, o que despertou nosso interesse em caracterizar o aluno da EJA, assim como perceber as metodologias aplicadas em sala de aula para atender ao perfil dos alunos daquela localidade.

Nosso propósito foi estudar a temática na possibilidade de debater as questões da EJA, a partir de uma representação mais condizente com a realidade desses sujeitos. Com as suas singularidades e necessidades, o que norteia e direciona o trabalho pedagógico a ser desenvolvido na sala de aula para atender as especificidades desses alunos. Sabendo do perfil desses alunos expostos na literatura, com esse trabalho, tivemos o propósito de perceber o processo desenvolvido, na turma de alfabetização da escola Rubens José de Oliveira no sitio Cococi, a fim de caracterizar as especificidades o aluno da EJA e da metodologia utilizada. Perguntamos então: quem seriam os alunos dessa turma? Seu perfil se diferencia das pesquisas já realizadas na EJA? Quais os seus interesses? As metodologias aplicadas foram adaptadas?

Elegemos como objetivo geral: caracterizar a sala de alfabetização da EJA, da escola Municipal do Sitio Cococi em Catolé do Rocha. E específico: verificar os motivos que levaram os alunos a abandonar os estudos, assim como, a retomá-lo; perceber a compreensão de alunos e professora em relação à escola de EJA; identificar as maiores dificuldades enfrentadas no processo e perceber a prática pedagógica desenvolvida em sala de aula.

2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM POUCO DE SUA HISTÓRIA

Desde o período de colonização do Brasil, por Portugal, a preocupação com a escolarização dos adultos é notada. Apesar da denominação “Educação de

Jovens e Adultos” e da exclusão que impedia muitos brasileiros de frequentarem a escola, a preocupação por essa educação é demonstrada pelos portugueses, ao alfabetizar e doutrinar os índios para a conversão da fé católica, por intermédio dos padres Jesuítas. (BRASIL, 1996, art. 22).

A Educação de Jovens e Adultos se consolida diante da necessidade de qualificação de mão de obra, com vistas ao atendimento da demanda industrial, onde sua principal função era a de formar indivíduos que agissem como “máquinas”, sem nenhum senso crítico. Em 1947 a única proposta de educação que formasse cidadãos críticos foi desenvolvida pelo educador Paulo Freire, que foi dilacerada pelo regime militar. Inúmeros programas de EJA educação de jovens e adultos, após a experiência freiriana foram desenvolvidos, mas não eram valorizados por parte dos governantes, pois a esses importava a formação de mão de obra e não o conhecimento adquirido (BRASIL, 1996, p.32).

No Brasil a EJA surgiu como alternativa à qualificação de mão de obra, com vistas ao atendimento da demanda industrial, onde sua principal função era a de formar indivíduos que agissem como “máquinas”, sem nenhum senso crítico. Nesse período a única proposta de educação que formasse cidadãos críticos foi desenvolvida pelo educador Paulo Freire, que foi dilacerada pelo regime militar. Inúmeros programas de EJA educação de jovens e adultos, após a experiência freireana foram desenvolvidos, mas não eram valorizados por parte dos governantes, pois a esses importava a formação de mão de obra e não o conhecimento adquirido. Freire se preocupava com formação crítica dos educandos, a base da sua metodologia era o diálogo (Aranha, 1996, p.209).

A educação de jovens e adultos é um direito obrigatório garantido por lei, considerando as experiências não formais, que inclui no currículo vivências e práticas, de forma a permitir a interação e o diálogo entre os educandos. Tem por finalidade, proporcionar a educação básica àqueles que não tiveram condições de frequentar, por quaisquer motivos, a escola, na idade tida como “correta”. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (Parecer CEB nº 11/2000), em concordância com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB, apontam três funções como responsabilidade da EJA: reparadora (restaurar o direito a uma escola de qualidade); equalizadora (restabelecer a trajetória escolar); qualificadora (propiciar a atualização de conhecimentos por toda a vida). Atualmente a idade mínima para frequentar a EJA é

15 (quinze) anos para o Ensino Fundamental, e 18 (dezoito) para o Ensino Médio. No Art. 22 LDB 9.394/1996, está previsto que a Educação de Jovens e Adultos-EJA, classificada como parte integrante da Educação Básica. E, assim como a educação regular, é dever do governo disponibilizar educação de jovens e adultos, contudo, também existem instituições privadas, autorizadas a atender esta modalidade de ensino.

3 PERFIL DO ALUNO DA EJA

Quem é o aluno do EJA? Os alunos de alfabetização da EJA são aqueles que apresentam idades e experiências de vidas diferenciadas. Mais são sujeitos que se assemelham na ausência de conhecimento escolar, onde é considerado analfabeto, devido nunca terem frequentado a escola antes, ou que frequentaram a escola quando criança, em que alguma circunstância os impediram de continuarem seus estudos.

Para Dias et al. (2005, p. 65), é “importante destacar que a ênfase dada às especificidades desses sujeitos está diretamente relacionada à condição de exclusão”. Em muitos casos, eles estudaram quando crianças por alguns meses ou até alguns anos, durante sua infância, mas tiveram que abandonar a escola por diferentes motivos: porque era longe, porque tinham que trabalhar. Como diz Andrade (2004, p.03).

Pensar sujeitos da EJA é trabalhar com e na diversidade. A diversidade se constitui das diferenças que distinguem os sujeitos uns dos outros – mulheres, homens, crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, pessoas com necessidades especiais, indígenas, afrodescendentes, descendentes de portugueses e de outros europeus, de asiáticos, entre outros.

Os alunos adquirem um conhecimento de mundo diferenciado durante sua vivência, e cabe ao professor buscar por recursos que valorize esse conhecimento já adquirido, de modo que seja significativo para sua aprendizagem.

Quanto aos motivos que os levam os adultos a retornarem à escola, Andrade (2004, p. 04), explica: os alunos acreditam que a escola poderá proporcionar-lhes um futuro melhor, muito deles desejam descobrir um novo mundo que encontraram no aprendizado fornecido pela escola. O referido autor diz que o

desejo de melhorar de vida socialmente, de eliminar preconceitos, a cobrança de conhecimento no ambiente de trabalho, de realizarem a escrita, leitura, é apresentado pelos alunos, pois muitos desses alunos trabalham o dia inteiro em situações precárias e buscam aprendizagem para um melhor emprego. Sobre isso, o referido autor explica:

Nessa perspectiva, uma questão importante, para a EJA, é pensar os seus sujeitos além da condição escolar. O trabalho, por exemplo, tem papel fundante na vida dessas pessoas, particularmente por sua condição social, e, muitas vezes, é só por meio dele que eles poderão retornar à escola ou nela permanecer.

Para Pierro (2005), os jovens e adultos que retornam à sala de aula convivem com muitas dificuldades no meio social. Assim se explica seu comportamento ser diagnosticado diversas vezes como problema por alguns docentes; os vários campos de interesses, crenças, culturas e ações desses alunos são vistos como fatores que dificultam suas relações pessoais e até o seu próprio crescimento em sala de aula.

4 PERFIL DO PROFESSOR DA EJA

Os professores de alfabetização da EJA, não possuem formação diferenciada. Muitos deles possuem ensino superior, onde são habilitados para trabalharem em ensino fundamental e médio regulares, mas não na Educação de Jovens e Adultos. Existem também os alfabetizadores que não possuem curso superior, nem experiência em sala de aula, na maioria são jovens que acabaram de concluir o ensino médio (BRASIL, 1996, p.68).

Para alfabetizar é necessário um profissional capacitado que consiga ensinar de forma significativa, em que ocorra a mediação entre o conhecimento de mundo dos alunos e o conteúdo estabelecido pelo currículo da escola.

Freire (1996), ao falar do papel do educador em sala de aula, nos faz refletir acerca da metodologia que este deve utilizar em sala de aula “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Neste contexto o professor será o mediador entre o conhecimento adquirido do alunado, onde o mesmo poderá buscar por meios que facilitem na aprendizagem.

Freire (1996, p. 53) pensou um método de Alfabetização de Jovens e Adultos, a partir do diálogo, principalmente, do diálogo entre educador e educando, um ouvindo e respeitando o outro, visto que “o papel de homem que é o de sujeito e não de simples objeto”.

Definindo o diálogo, segundo Freire (1982,p. 91), este “é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu - tu.”, levando-o a fazer parte do processo de construção do conhecimento, haja vista não serem meros recipientes onde são despejadas as informações.

Para Freire (1996, p. 98), a prática pedagógica não se constitui apenas de elementos presentes na escola, mas interage com os fenômenos políticos, sociais, culturais e educativos do qual os educandos fazem parte. Nesse aspecto, pode-se apontar o seu caráter multicultural e o desafio proposto ao docente enquanto mediador do conhecimento, de ressignificar sua prática, respeitando os diferentes sujeitos presentes em sua sala de aula. Assim,

Minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política. Enquanto presença não posso ser uma omissão, mas, um sujeito de opções. Devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper.

A partir dessa compreensão, situamos a prática pedagógica docente como uma dimensão da prática pedagógica inserida no contexto educacional, permeada de interesses sociais, políticos, econômicos, e que também é um dos elementos das ações do professor dentro da escola. É a prática pedagógica docente que irá desvelar as concepções de educação do professor (a), de conhecimento de mundo, suas interações com os alunos.

5 METODOLOGIA

Para caracterizar a turma observada durante o estágio supervisionado, realizamos uma pesquisa de campo, qualitativa e descritiva. Consideramos que a abordagem qualitativa-descritiva são as que melhor atende este trabalho, pois possibilitam uma aproximação com os sujeitos da pesquisa.

Segundo José Filho (2006, p. 64) “o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”.

Para Oliveira (2001) a pesquisa de campo impõe ao pesquisador ou pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta.

A pesquisa descritiva permite recolher as características de uma determinada população ou um determinado fenômeno e os interpretar, no entanto, “não busca interferir e nem modificar a realidade estudada” (RUDIO, 2003, p. 110).

Para Rudio (2003), a pesquisa qualitativa, por sua vez, é a pesquisa que busca esclarecer que fatores contribuem de alguma forma para a ocorrência de algum fenômeno. Além de registrar e analisar os fenômenos estudados busca identificar suas causas, através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos.

Os instrumentos utilizados foram a Observação sistemática, entrevista semiestruturada com alunos e com a professora.

Marconi e Lakatos (2003) relatam que na entrevista semiestruturada, ao contrário do que ocorre com a estruturada, o entrevistador fica a vontade para progredir qualquer situação a variados destinos que julgar necessário, isto consiste em uma maneira de analisar um maior horizonte de uma dada questão. Normalmente as perguntas são abertas e possibilitam respostas que se encaixam dentro de um diálogo informal e são perfeitamente aceitáveis partindo deste princípio.

Os sujeitos dessa pesquisa foram 12 alunos da EJA e a professora da alfabetização. Toda turma foi observada, mas apenas cinco alunos foram selecionados para realização das entrevistas, constituindo uma amostra da população estudada. Compreendemos segundo Rudio (2003, p. 27), que “uma amostra é um subconjunto de indivíduos da população alvo. Para que as generalizações sejam válidas, as características da amostra devem ser as mesmas da população”.

As entrevistas foram realizadas individualmente com os alunos, onde partimos da leitura das perguntas, e em seguida eles respondiam, sendo realizado o processo de anotação simultânea. Utilizamos este processo, em substituição a

utilização do gravador visto que, percebemos que o mesmo gerava constrangimento aos alunos.

A entrevista estruturada foi realizada com a professora, constituindo-se das mesmas perguntas feitas aos alunos.

Para análise dos dados, utilizamos a técnica de análise de conteúdos considerando previamente as seguintes categorias: Prática pedagógica; motivos pelos quais não se alfabetizou na idade certa; motivo pelo qual o aluno retornou à escola; significado da escola; preferência pela matéria; as dificuldades enfrentadas. Segundo Oliveira (2001), pela a análise de conteúdo podem acessar os conteúdos das mensagens, sejam estes quantitativos ou qualitativos, para em seguida realizar as inferências em consonância com a literatura.

A pesquisa foi realizada na escola Rubens José de Oliveira, que está situada no sítio Cococi, município de Catolé do Rocha. É uma instituição mantida pela Secretaria Municipal de Educação e tem horário de funcionando nos três turnos. No período noturno acontece o ensino de Educação de Jovens e Adultos com início das aulas às 19h: 30min até às 22h30min, sendo ofertado de segunda-feira à sexta-feira. Possui um quantitativo de 24 alunos e 2 (dois) professores (as), sendo uma turma de alfabetização com doze alunos e outra turma de 1º ao 4º ano, ciclo 1 e 2 com 12 alunos.

Sobre a formação acadêmica da professora, em nada diferente da literatura, ela também não possui formação adequada para assumir a turma da EJA. Podemos perceber isto no esclarecimento por ela prestado:

Tenho vinte e quatro anos, não exerço outro trabalho, moro no sítio Sossego- Município de Catolé do Rocha. Não tenho curso superior, tenho apenas o ensino médio, não tenho nenhuma experiência em sala de aula, participo de um planejamento quinzenal com outras professoras (S1).

Os alunos pesquisados apresentavam a faixa etária de 26 a 69 anos, sendo cinco do sexo feminino e sete do sexo masculino. Os sujeitos entrevistados foram: dois do sexo feminino e três do sexo masculino.

Eles moravam em sítios (Cococi, Sossego, Jenipapo e Frade) do município de Catolé do Rocha e Jericó. Eram localidades próximas e, muitos deles vinham a pé e outros de moto, diante da distância a ser percorrida. Era comum levarem filhos ou netos, que na maioria frequentavam a mesma escola, no turno da manhã.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

As análises que passamos a descrever resultam da categorização realizada, como sendo, prática pedagógica, motivos pelos quais o aluno não se alfabetizou na idade certa, motivos pelos quais o aluno retornou à escola, o significado da escola, preferências pela Matéria, às dificuldades enfrentadas.

6.1 Práticas Pedagógicas

As observações e entrevista indicaram que as atividades realizadas de fevereiro a junho de 2016 na turma de alfabetização do sitio Cococi, foram conduzidas de forma dinâmica, onde os alunos não apresentavam muitas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. Vale ressaltar que a professora tinha a preocupação em buscar meios e inovações que facilitassem à aprendizagem dos alunos, onde ela buscava construir propostas pedagógicas direcionadas a Educação de Jovens e Adultos.

Veja o relato abaixo, construído através das observações, revelando algumas das aulas da professora.

No primeiro dia de aula, a professora fez uma dinâmica com os alunos, onde eles tinham que tentar encontrar o crachá que tinha o nome do colega. Os alunos se divertiram muito, pois muitos nomes ficaram trocados. Em seguida a professora fez a associação dos nomes dos crachás com o cada aluno, para que eles identificassem as palavras. A professora perguntou a cada aluno o motivo de ter se matriculado, o que tinha mais vontade de aprender e pediu que eles falassem sobre suas profissões. Por último ela falou para os alunos sobre o processo de alfabetização (Aula 1).

[...] pediu para os alunos retirarem os cadernos, em seguida copiou algumas palavras no quadro (casa -cavalo - moto- carro - boi – milho – feijão) pediu para os alunos lerem com ela (Aula 2).

[...] escreveu algumas palavras no quadro, já trabalhadas em aulas anteriores, separou as palavras em sílabas, em seguida trabalhou a família silábica das palavras, e, em seguida as letras, os alunos realizaram a leituras das sílabas individualmente (Aula 3).

[...] colocou sobre as carteiras dos alunos o alfabeto móvel, pediu para que os alunos observassem a lista de compras que a mesma já tinha escrito no quadro, e formassem as palavras através do alfabeto móvel (Aula 4).

[...] entregou uma cartela de bingo a cada aluno e falou: vocês vão marcar o número que eu falar, de imediato foi sorteando os números e os alunos marcando, no final o ganhador teve direito a premiação. Usou bingo com números e palavras (Aula 5).

A professora sempre buscava caminhos que contribuíssem para a aprendizagem dos alunos, inserindo palavras do cotidiano do aluno. Desde o primeiro dia de aula diante da acolhida, através de uma dinâmica, podemos perceber que a professora teve a preocupação em conhecer a realidade do aluno. Foi visto também nas observações que ela procurava estimular os alunos como utilização de palavras do dia a dia. Em algumas atividades chegou a utilizar jogos (bingo) de forma lúdica com a finalidade de incentivar a pesquisa, instigando a observação pela problematização.

As atividades eram sempre dinamizadas, onde ela fazia uso do alfabeto móvel, do bingo de números, de letras, e de palavras do seu universo e da lista de compra realizadas pelos alunos. O processo que a professora usou nas atividades partiu de unidades maiores para unidades menores, que é considerado por palavrção.

Para Freire (1983, p. 12) “a ordem da palavrção deve ser seguida é a seguinte: primeiro vem uma palavra, depois a sua divisão em sílabas, depois a apresentação das famílias silábicas, depois a criação de outras palavras utilizando o que se aprendeu. Só então aparecem os pequenos textos”.

De acordo com Andrade (2004, p. 04) “é preciso adotar estratégias pedagógicas e metodologias orientadas para a otimização da formação específica de professores e gestores responsáveis por esse modo de fazer educação, assim como construir uma nova institucionalidade nos sistemas de ensino”.

O professor deve buscar desenvolver uma metodologia que facilite na aprendizagem de seus alunos, que inclua suas vivências reais, para que se obtenha uma aprendizagem mais rápida e significativa.

Nesta mesma perspectiva em entrevista a professora afirma, quando interrogada sobre sua metodologia em sala de aula:

Sempre busco trabalhar da forma mais dinâmica possível e atendo aos desejos dos meus alunos trabalhando com material da autoescola, músicas repentines, listas de compras, cálculos da venda do feijão e milho que eles negociam, entre outros. (S 1).

A entrevista da professora esta condizente com as observações, pois podemos perceber através de seu discurso que ela buscava meios de dinamizar a as aulas. Segundo Freire (1996) o educador tem que valorizar o meio em que o educando este inserido, trabalhar diante de seu conhecimento prévio, o que facilitará em seu novo processo de aprendizagem.

O estudo sistemático que se caracteriza na turma pesquisada ofereceu oportunidade para que os alunos percebam o processo de leitura e escrita, pelo fato de a professora buscar trabalhar com atividades apresentando uma forma dinamizada de livre expressão de pensamento do aluno e de estimular sua aprendizagem. Assim,

antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, reconhecer (FREIRE, 1996, p. 86).

Quanto à aprendizagem dos alunos observamos que eles gostavam de fazer cópias retiradas do quadro, ditados, realizar pequenas contagens, não gostavam muito de ler e quase sempre não faziam atividades de casa.

Os alunos faltavam muito, e quando vinham para aula, muitas vezes pediam a professora para saírem mais cedo, justificando que moravam longe, em outros sitio, estavam cansados e tinham que acordar cedo, para trabalhar (Aula 6).

Quando a professora pedia para os alunos realizarem leitura eles não aparentavam animação, pois os alunos gostavam mais quando a professora trabalhava com: ditados, bingos, problemas matemáticos com conteúdo do cotidiano, formação de palavras com uso do alfabeto móvel (Aula 7).

Os alunos gostavam de conversar entre eles e até mesmo com a professora, pois sempre no final da aula enquanto a professora servia o lanche, era momento de muitas conversas e risadas entre eles (Aula 8).

Podemos perceber através das observações que os alunos em maioria gostavam de realizar as atividades de escrita, formação de palavras, cálculos escritos e mentais, já a leitura eles não apresentavam muita animação em realizá-la.

Observamos também que os alunos pareciam desafiados em sua aprendizagem diante das dificuldades que enfrentavam paralelamente às atividades que realizavam.

Podemos ver isso nas palavras de Freire, (1996, p. 50): “o aluno da EJA volta à sala de aula revelando uma autoimagem fragilizada, expressando sentimento de insegurança e de desvalorização pessoal e familiar, que pode desestimulá-lo frente aos novos desafios que se impõem”.

Neste sentido, a procura do aprendizado pelos alunos da EJA, visa à melhoria da qualidade de vida e realização pessoal, é um grupo de indivíduos que trazem consigo algumas aprendizagens informais e conhecimentos em algumas áreas em que trabalham, juntamente com experiências e expectativas, entre outros.

A aprendizagem dos educandos tem que ver com a docência dos professores e professoras, com sua seriedade, com sua competência científica, com sua amorosidade, com seu humor, com sua clareza política, com sua coerência, assim como todas as estas qualidades têm que ver com a maneira mais ou menos justa ou decente com que são respeitados. (Freire, 1996, pp. 125 -26)

Quanto à avaliação observamos que a professora almejava analisar o desempenho da escrita e leitura da seguinte forma:

A professora sempre avaliava os alunos diante do desempenho da leitura e escrita dos mesmos, buscava sempre trabalhar com ditados, bingos, leitura de palavras e frases. Ela observava o aluno individualmente, onde o mesmo tinha que mostrar se estava com facilidade ou dificuldade em realizar as atividades (Aula 9).

Libâneo (1991, p. 190) diz “que a avaliação é uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo ensino aprendizagem, que auxilia o professor a tomar decisões sobre seu próprio trabalho”. Na educação de jovens e adultos, a avaliação segundo Freire (1983) a avaliação deve ser realizada através da observação do desempenho aluno.

6.2 Motivos pelos quais o aluno retornou à escola

Existem muitos fatores que impossibilitaram a alfabetização no período da infância. No decorrer dos anos o indivíduo sente a necessidade de inserir-se nesse

processo e procuram a EJA (Educação de Jovens e Adultos) oferecida por escolas públicas e por projetos comunitários de alfabetização. Para os adultos não alfabetizados as possibilidades de ingressarem no mercado de trabalho são diminuídas.

Através dos relatos dos alunos, pode-se constatar que as transformações ocorridas na sociedade têm influenciado para que as pessoas retornem à escola, pois, atualmente, não há mais possibilidade de se manter inserido no mercado de trabalho sem ser alfabetizado. Vemos isso nas afirmações dos alunos:

Queria tirar a carteira de motorista e pra tirar tenho que saber ler e escrever (Aluno A); Foram meus netos que me pediram, no começo achava que não ia aprender nem gostar, pois já tenho 68 anos (Aluno B); Quero aprender a escrever meus repentes (Aluno C);.Aprender a ler para não depender dos outros (Aluno D);Quero aprender para conseguir um emprego melhor (Aluno E).

Eles retornam devido a um objetivo que varia entre desejo, obrigação e sonho. Pois muitos buscam aprender para conquistar uma meta social, outros estimulados pela família e outros buscando por um sonho que não conseguiu realizar na infância (S1).

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas por estes alunos para retornar à escola e continuar estudando, eles desejam concluir esta etapa da EJA, para conseguirem não só aprender a ler e escrever, mas para realizarem conquistas sociais- não se sentir excluído da sociedade. Podemos observar no discurso acima que alguns desses objetivos são: tirar a carteira de habilitação, realizar a escrita, realizar um pedido dos netos e se qualificar profissionalmente.

Segundo Oliveira, (2001, p. 25) “o retorno do aluno da EJA à escola significa um marco decisivo no restabelecimento dos seus vínculos com o conhecimento escolar, libertando-os do estigma do analfabetismo e dos sentimentos de inferioridade”.

Os alunos retornam à escola, devido acreditarem que a mesma possa lhe fornecer uma aprendizagem, que irá suprir o conhecimento escolar, que por motivos pessoais não conquistaram durante sua infância.

6.3 Motivos pelos quais o aluno não se alfabetizou na idade certa

Foi identificado que a maioria dos alunos abandonou os estudos logo cedo, ou que nunca entraram em uma instituição educacional por haver necessidade de trabalhar. Enfrentaram alguns problemas familiares, como o consumo exagerado de bebida alcoólica, e por não existir escola em sua localidade. Assim, os alunos enfrentavam problemas pessoais que os afastaram da escola, por exemplo: ajudando o pai na roça ou para suprir a falta de trabalho do pai. Podemos observar isso nas falas dos alunos entrevistados:

O tempo era pouco, meu pai não me colocou na escola. Tinha que trabalhar com meu pai na roça, pois nossa única fonte de renda era a agricultura, e para estudar não dava tempo (Aluno A e B); Porque no sitio onde eu morava não tinha escola, nem transporte para vim a cidade que nem hoje (Aluno C e D); Porque..., eu não tinha interesse, eu achava melhor trabalhar e meu pai bebia muito. Muitas vezes ele nem trabalhava, eu era o filho mais velho, ficava triste em ver o desespero de minha mãe e fui buscar trabalho em São Paulo (Aluno E).

Sobre isso, Oliveira (2001, p. 22) “mostra que o resultado do fracasso escolar é o produto da interação de três tipos de determinantes: socioculturais: relativos ao contexto social do aluno e as características de sua família”. Por isso, Freire (1982) sugere que é preciso superar o condicionamento do pensar falso sobre si e sobre o mundo. Isso implica na revisão profunda nos modos de conceber o mundo e nas manifestações dos jovens e adultos para tomarem nas mãos o próprio destino.

6.4 O significado da escola

Todos os alunos entrevistados deixaram claro, durante as entrevistas, o seu contentamento em poder frequentar pela primeira vez ou voltar a frequentar uma sala de aula. Para eles o significado da escola está associado ao aprender a ler e escrever, pois sente-se desafiado pelas necessidades pessoais, ver a importância da escola para a construção da cidadania. Nela os alunos depositam a esperança de que ao se tornarem alfabetizados, consigam um trabalho melhor; ou até uma profissão na qual tenham ousado sonhar.

A escola é muito importante, pois é nela que vou ter a chance de aprender a ler e escrever (Aluno A); Quando criança era algo

impossível, hoje tenho a oportunidade de frequentar e aprender (Aluno B); A escola é a casa de aprender a ler e escrever, e rever os amigos também (Aluno C); Uma nova chance para aprender a ler e escrever, e um meio de buscar por meus objetivos pessoais (Aluno D); A escola é o lugar que eu nunca devia ter parado de frequentar (Aluno E).

Ele tem a escola como uma oportunidade para conseguir conquistas pessoais, que dependem principalmente da escrita e leitura. (S1).

Os alunos associam a escola a uma nova chance de aprender, já que quando criança não tiveram a oportunidade de estudar, e hoje a sociedade impõem qualificações em todas as funções trabalhistas, eles buscam na escola uma forma de amenizar seus problemas ocasionados principalmente pela falta de leitura e escrita. Em consonância com os alunos a professora entende que eles buscam a escola como uma nova oportunidade de inclusão social.

Sobre isso, Freire (1982) ao expressar que a escola deve ser um lugar de trabalho, de ensino, de aprendizagem. Um lugar em que a convivência permita estar continuamente se superando, porque é o espaço privilegiado para pensar.

6.5 Preferências pela Matéria

O gosto preferencial dos alunos está ligado com muitas das atividades que eles realizam com mais facilidade, pois mentalmente eles efetuam contas em suas necessidades do dia a dia, em vendas dos legumes, quando pagam a feira no supermercado, ao pagarem sua conta de luz, entre outros.

Para os alunos da EJA a matemática tem um significado de maior utilidade em seu dia a dia, os alunos conseguem efetuá-la mentalmente, mesmo não dominando a escrita e leitura.

Português é muito difícil. Matemática, gosto muito de fazer contas (Aluno A); Gosto de tudo, aprendendo é o que importa (Aluno B); A matemática é complicada às vezes dou uma errada na calculada, O Português é minha paixão - que é a leitura que guardo no coração. (Aluno C); Matemática é melhor, pois já sei contar (Aluno D); Gosto mais de matemática, pois já sei até somar minha feira (Aluno E).

Eles preferem a que eles já conseguem efetuar mentalmente que é a matemática (S1).

Os dados mostram que a maioria dos alunos prefere estudar a matemática, enquanto que acham o português difícil. Na fala da professora, ela justifica a preferência da maioria dos alunos, tendo em conta o cálculo mental que os mesmos já realizam com mais facilidade. A matemática está mais presente no seu dia a dia.

Diante da comprovação da professora de que os alunos apresentam mais facilidades na disciplina de matemática devido a habilidade que os mesmos já apresentam em calcular mentalmente, podemos considerar o que nos diz os PCNs:

Ao revelar a Matemática como uma criação humana, ao mostrar necessidades e preocupações de diferentes culturas, em diferentes momentos históricos, ao estabelecer comparações entre os conceitos e processos matemáticos do passado e do presente, o professor tem a possibilidade de desenvolver atitudes e valores mais favoráveis ao aluno diante do conhecimento matemático (BRASIL, 2008, p.45).

6.6 Dificuldades enfrentadas

Percebe-se que existem no alunado da EJA, alguns obstáculos a serem ultrapassados. Eles enfrentam algumas dificuldades, como: baixa autoestima, frustrações e desmotivações. Os alunos acham-se incapazes e, às vezes, velhos demais para aprender, muitos enfrentam pobreza extrema, diversos problemas sociais como a falta de moradia, entre outros. Vejam algumas dificuldades apresentadas por eles:

Eu trabalho o dia todo, fico muito cansado e moro muito longe (Aluno A); Já sou velho, não enxergo direito, e tenho problema na perna, só venho porque meu neto vem me deixar e buscar de carro (Aluno B); É conseguir sair de casa, minha mulher e meus filhos não concordam, dizem que estou perdendo meu tempo (Aluno C); Trabalho na cidade, e venho no ônibus dos estudantes que vem de Catolé, quando chego a casa, só dá tempo pegar o caderno e ainda chego atrasado, a sorte é que a professora deixa entrar (Aluno D); Eu falto muito, pois moro longe e dependo de um amigo para vim, eu pego carona com ele de moto, quando ele não vem não tem como eu vim (Aluno E).

A idade muitas vezes avançada, que segundo eles já é muito tarde para estudar, e que não são capazes de aprender. O tempo que

estão fora da sala de aula, e o fato de nunca ter estudado antes; e até mesmo a falta de apoio familiar (S1).

Percebemos que as dificuldades dizem respeito tanto a forma de chegar até a escola como a de permanecer nela. A falta de apoio dos familiares ainda é um fator que interfere na permanência do aluno. A motivação tanto na sala de aula como em casa, de existir para desencadear a vontade de aprender. Ocorrendo essa ausência eles acabam desistindo de estudar.

Gadotti (2005, p. 31) “Para definir a especificidade de EJA, a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador – às vezes em condição de subemprego ou mesmo desemprego”. Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo.

Os alunos reclamam do cansaço. A grande maioria trabalha o dia inteiro, muitos trabalham expostos ao sol, em lavouras, em construções, as mulheres além de trabalharem fora, tem que cuidar de suas casas e família.

Muitas são as dificuldades relatadas pelos alunos, mas o tempo para estudar, e a falta de capacidade de aprendizagem, foram as mais colocadas, pois nesta fase, a maioria dos alunos trabalha, possuem famílias, dificultando assim, uma maior dedicação aos estudos. É evidente que estas dificuldades são consequências do abandono do próprio aluno aos estudos. Alguns alunos questionam que já estão muito velhos, outros reclamam do cansaço físico, da falta de apoio familiar.

Não é fácil vim para a escola em nosso caso, passamos o dia inteiro trabalhando(Aluno A); A noite é único momento de ficar com a família(Aluno B); Gosto de se divertir um pouco e de organizar as coisas em casa(Aluno C); Só vem mesmo quem realmente quer aprender, e muitos não conseguem vencer o cansaço(Aluno D); As pessoas acabam com nossa autoestima, dizendo que não vamos mais conseguir aprender (Alunos E).

Ocorre devido ao cansaço extremo de um dia inteiro de trabalho, A falta de apoio e preconceito dos familiares e vizinhos. E a falta de interesse onde muitas vezes trocam a sala de aula por programas de TV (S 1).

Como podemos observar nas respostas dos alunos e professora, eles não afirmam que gostam ou não de estudar. Muitos reclamam do cansaço, da falta de

apoio, mas eles conseguem vencer esses obstáculos diante do objetivo de aprender. São dados relevantes e esperançosos para a educação. A partir do interesse, da motivação do aluno e que poderemos contar com resultados positivos para o processo educacional. Quanto aos motivos que levaram estes alunos a abandonar a escola, na maioria dos casos isto ocorreu devido à falta de renda familiar e, conseqüentemente, à necessidade de trabalhar fora.

Para Campos (2003) a evasão escolar na EJA pode ser registrada como um abandono por um tempo determinado ou não. Diversas razões de ordem social e principalmente econômica concorrem para a “evasão” escolar dentro da EJA, transpondo a sala de aula e indo além dos muros da escola.

7 CONCLUSÃO

Analisando as seguintes categorias: Prática pedagógica; motivos pelos quais o aluno não se alfabetizou na idade certa; motivo pelo qual o aluno retornou à escola; significado da escola; preferência pela matéria; as dificuldades enfrentadas.

Quanto à prática pedagógica desenvolvida em sala de aula, observamos que a mesma era bem dinamizada, onde a professora sempre buscava caminhos que contribuíssem para a aprendizagem dos alunos, inserindo palavras do cotidiano deles.

No que diz respeito motivos pelos quais o aluno não se alfabetizou na idade certa averiguamos que a maioria dos alunos abandonou os estudos logo cedo, ou que nunca entraram em uma instituição educacional por haver necessidade de trabalhar ou por não existir escolas nas localidades onde moravam.

Tratando dos motivos pelos quais o aluno retornou à escola, podemos afirmar que isso aconteceu para conseguirem não só aprender a ler e escrever, e conseguir resolver problemas do seu dia a dia, mas para realizarem conquistas sociais- não se sentir excluído da sociedade.

Sobre o significado da escola, este está associado ao aprender a ler e escrever, pois sente desafiado pelas necessidades pessoais. Veem a importância da escola para a construção da cidadania.

Quanto à preferência pela matéria, está ligado com muitas das atividades que eles realizam com mais facilidade, pois mentalmente eles efetuam contas em

suas necessidades do dia a dia, em vendas dos legumes, quando pagam a feira no supermercado, ao pagarem sua conta de luz, entre outros.

E por fim podemos concluir quanto às dificuldades enfrentadas dizem respeito tanto à forma de chegar até a escola como a de permanecer nela. A falta de apoio dos familiares ainda é um fator que interfere na permanência do aluno. A motivação tanto na sala de aula como em casa, de existir para desencadear a vontade de aprender. Ocorrendo essa ausência eles acabam desistindo de estudar e a docência não consegue atender às necessidades do aluno.

Assim, os dados apresentados não fogem do que está expresso na literatura sobre alfabetização de jovens e adultos. Os alunos por motivos pessoais, familiares e sociais, especificamente, a necessidade de trabalhar, abandonaram a escola logo cedo ou nem mesmo a frequentaram. Retomaram a escola diante da necessidade de ser de incluído socialmente. Nas disciplinas mais ligadas às suas vivências eles apresentaram menos dificuldades e, na prática docente, embora o professor não possuísse habilitação específica para lecionar nesta turma, adaptou satisfatoriamente a metodologia.

Este trabalho na esperança de ter contribuído para a prática docente do EJA na escola onde foi efetuado o estágio supervisionado.

8 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Eliane Ribeiro. **Os jovens da EJA e a EJA dos jovens**. Rio de Janeiro: Editora DP&A LTDA, 2004.

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. São Paulo: Loyola, 1999.

BRASIL. MEC. Documento Base Nacional. **Desafios da Educação de Jovens e Adultos no Brasil: Sujeitos da Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, 20 de mar. de 2008.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 01 de Dez. 2012.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental - Brasília: MEC/SEF, 1996.

CAMPOS, Marcelo M. **Gestão do Conhecimento Organizacional na Administração Pública Federal em Brasília: um estudo exploratório**. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília.

DIAS, F. V. et. al. Sujeitos de mudanças e mudanças de sujeitos: as especificidades do público da educação de jovens e adultos. In: SOARES, L. (Org.). **Aprendendo com a diferença: estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte :Autêntica, 2005. P. 49-82.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 14^a ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. 7. Ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. **Alfabetização de Jovens e Adultos: Em uma perspectiva de Letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

JOSE FILHO, M. **Desafios da pesquisa**. Franca: Ed.UNESP/FHDSS,2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

OLIVEIRA, Djalma Pinho Rebouças. **Estratégia Empresarial e Vantagem Competitiva: como estabelecer, implementar e avaliar**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

PIERRO, Maria Clara Di. **Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil**. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 92, p. 1115-1139, Especial - Out. 2005 . Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

RIBEIRO, Vera Masagão. **Educação de Jovens e Adultos: Novos leitores, novas leituras**. São Paulo: Ação Educativa, 2001.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa**. 31.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. 11. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VILLELA, Cláudia. **Educação e cidadania. Revista Pedagógica Pátio.** Ano IX, n. 36, Porto Alegre: Artmed. Nov.2005/ jan.2006.

ANEXOS

Roteiro da Entrevista realizada com a professora

- 1) Fale sobre sua formação como professora para atuar na EJA.**
- 2) Como motivar seus alunos da EJA?**
- 3) Quais as principais dificuldades que seus alunos apresentam?**

- 4) Quais os motivos que levam os alunos da EJA a evadirem?
- 5) Como você pode descrever os alunos que permanecem em sala de aula?

Roteiro da entrevista realizada com alunos da EJA

- 1) Quanto tempo você estudou?
- 2) Porque você não se alfabetizou quando era criança?
- 3) Quais os motivos que levaram você a desistir dos estudos?
- 4) Quais os motivos que levaram você a retornar à escola depois de adulto?
- 5) O que você mais gosta de aprender na escola?
- 6) Qual o seu maior objetivo ao vir para a escola?
- 7) Qual a matéria que você tem mais dificuldade? E a que tem mais facilidade?
- 8) Quais as dificuldades que você enfrenta para frequentar a escola?